MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 241p.

Valdinei Ramos Gandra¹

Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/RS e pesquisador do CNPq. Realiza pesquisas na área de sociologia da religião, focando especialmente o movimento pentecostal no Brasil.²

Com apenas cem anos de presença em solo brasileiro, o crescimento dos pentecostais no Brasil é um fenômeno religioso sem precedentes no mundo. O último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE do ano 2000³ demonstrava em seus dados, a expansão alcançada por este seguimento religioso nas últimas décadas do século XX.

O crescimento impressionante, a inserção na política partidária e a presença agressiva nos meios de comunicação de massa chamaram a atenção de acadêmicos, da grande mídia e, como consequência desta última, de toda a sociedade.

¹ Professor de Novo Testamento da Faculdade Refidim, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA, Tecnólogo em Processos Gerenciais pela Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER e Licenciando em História pela Universidade Leonardo da Vinci - UNIASSELVI <http://lattes.cnpq.br/8390338393439166>.

² Informações fornecidas pelo autor no Sistema de Currículos Lattes – CNPq.

³ De acordo com o Censo de 2000, dos 26,2 milhões de evangélicos brasileiros, 17,7 milhões eram pentecostais (67%).

Percebe-se, porém, que não obstante sua expressiva presença no cenário religioso nacional há um sensível desconhecimento de quem são os pentecostais, sendo que as informações veiculadas pela grande mídia estão impregnadas de preconceitos e estereótipos.

Em reportagem de 29 de Janeiro de 2007, o Jornal Folha de São Paulo, em sua versão on line, destacava: “O Brasil é hoje o maior país pentecostal do mundo. Levantamento de um instituto americano indica que o país reúne 24 milhões de seguidores de igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Assembléia de Deus e a Renascer em Cristo”.⁴

Fica evidente na reportagem, além do destaque da forte presença pentecostal no Brasil, que sob este guarda chuva religioso estão denominações díspares entre si, como por exemplo, Universal do Reino de Deus, Assembléia de Deus e Renascer em Cristo.

Sendo apresentado preliminarmente em forma de dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo – USP em 1995, com o título “Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando”, a obra em análise segue tendência parecida ao inserir Igrejas como Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça no seguimento pentecostal ao lado, por exemplo, da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Tendência que está sendo duramente atacada por seguimentos importantes do protestantismo e pentecostalismo históricos. Há uma tendência em não reconhecê-los como um seguimento pentecostal, nem tampouco como protestante.

O Bispo Anglicano Robinson Cavalcanti, cientista político, é uma destas vozes dissonantes. Em Artigo na Revista Ultimato, onde é um dos colunistas, ele declara que a IURD e congêneres não são sob hipótese

⁴ BEGOSSI, Leandro. Brasil é o maior país pentecostal. [on line] Disponível na internet via <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u89017.shtml>. Acesso em 10 de jun. de 2010.

alguma pentecostais e desta forma não podem se enquadrar na definição de protestantes. Segue um trecho do referido artigo⁵:

Um grande equívoco cometido pelos sociólogos da religião é o de por sob a mesma rubrica de “pentecostalismo” dois fenômenos distintos. De um lado, o pentecostalismo propriamente dito, tipificado, no Brasil, pelas Assembléias de Deus; e do outro, o impropriamente denominado “neopentecostalismo”, melhor tipificado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Um estudioso propôs denominar essas últimas de pós-pentecostais: um fenômeno que se seguiu a outro, mas que com ele não se conecta, pois “neo” se refere a uma manifestação nova de algo já existente. Correntes de sociologia argentina já os denominaram de “iso-pentecostalismo”: algo que parece, mas não é. Lucidez e coragem teve Washington Franco, em sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Alagoas, quando classificou o fenômeno representando pela IURD de “pseudo-pentecostalismo”: algo que não é.

Está em curso, também, um distanciamento calculado por parte das principais lideranças da Assembléia de Deus em relação a este movimento.⁶ Os motivos vão de denúncias de ilegalidade às aberrações doutrinárias.

Mas apesar dos esforços percebe-se que levará tempo para que de fato isto aconteça, pois dependerá da disposição dos pentecostais tradicionais em romper com a tão nefasta teologia da prosperidade e reorganizar as manifestações carismáticas conforme orientação bíblico – teológica.

O livro, conforme palavras do próprio autor, “[...] analisa pormenorizadamente o neopentecostalismo” que segundo ele “[...] é a vertente pentecostal mais recente e dinâmica, responsável pelas principais transformações teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais por que vem passando o movimento pentecostal” (p. 9).

⁵ CAVALCANTI, R. Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes. *Ultimato*, Viçosa ano XVI, n. 314, set./out. 2008.

⁶ Circula na Internet um vídeo do pastor Silas Malafaia, da Assembléia de Deus, com pesadas críticas a IURD: http://www.youtube.com/watch?v=307w-JV7p1k&feature=player_embedded.

Sendo assim, após discorrer sobre a “Expansão e o perfil socioeconômico dos pentecostais” (p. 9-17), o primeiro capítulo, “Tipologia das Formações Pentecostais” (p. 23-48), trata “[...] de ordenar o campo pentecostal a partir da análise de sua dinâmica histórico – institucional, considerando as mudanças ocorridas na mensagem religiosa, em comportamento desses religiosos e no seu modo de inserção na sociedade” (p. 23).

No segundo e terceiro capítulos é apresentado “O Histórico das Igrejas Neopentecostais” (p. 51-104): Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Destaca que a primeira surgiu a partir do rompimento com uma Igreja do Deuteropentecostalismo denominada Nova Vida, que segundo ele apresenta “[...] de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante contribuição financeira e ausência do legalismo em matéria comportamental” (p. 51).

A partir do quarto capítulo, “A guerra contra o diabo” (p. 109-137), Mariano concentra-se até o final do livro nas características principais do movimento neopentecostal. Enfatiza a estratégia do seguimento em declarar guerra aos cultos afro-brasileiros, o espiritismo e o catolicismo popular, pois, para eles, apresentam caráter demoníaco e que como tal precisam ser combatidos (guerra santa). Para tanto sua mensagem é, segundo o autor, dualística: “Os neopentecostais crêm que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual” (p. 113). Daí a exacerbação dos ritos de exorcismos tomarem uma parcela significativa de seus cultos.

Mas, questiona Mariano, “Ao combater a umbanda, o candomblé, o espiritismo e o catolicismo, até que ponto Universal e Internacional da Graça não são influenciadas e incorporam elementos da crença, da lógica e da visão de mundo dessas religiões?” (p. 127). Ainda, “[...] indiferentes às críticas dos demais evangélicos, distribuem aos fiéis objetos unguídos

dotados de poderes mágicos ou miraculosos, ato que mais uma vez as aproxima de crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular”. (p. 133).

No quinto capítulo, “A teologia da prosperidade” (p. 147-184), expõe o que seria a base teológica dos neopentecostais. Tendo originado nos EUA, chega ao Brasil no final da década de 70, encontrando boa aceitação entre boa parte dos pentecostais. Basicamente demonizam a pobreza e a enfermidade e que a única maneira de exorcizá-los é praticar o “dar para receber” (p. 160).

E por fim, e não menos importante, o último capítulo, “Liberalização dos tradicionais usos e costumes de santidade pentecostal” (p. 187-209). Trata do rompimento do novo movimento com o legalismo exacerbado do pentecostalismo clássico, que por décadas ditou o padrão de comportamento dos “crentes”. Conforme Mariano, “Os neopentecostais vestem-se como todo mundo. Usam brincos, pulseiras, colares, cosméticos. Decidem o corte, o penteado e o comprimento de seu cabelo”. (p. 210).

Sem dúvida a obra de Ricardo Mariano é um referencial para o entendimento das Igrejas denominadas por ele de neopentecostais, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus maior representante deste seguimento.